

NO (DES)COMPASSO DA FESTA: O REENCONTRO DE MUITAS HISTÓRIAS*

*Cairo Mohamad Ibrahim Katrib***

RESUMO: o presente artigo visa discutir as várias possibilidades de análises históricas permitidas pelos estudos culturais, procurando entender a cultura e suas diferentes formas de manifestação. Dessa forma, o diálogo pretendido refere-se, justamente, ao estabelecimento de uma reflexão acerca da cultura popular sob a ótica da História Cultural, pois tal análise permite ao historiador cultural desvelar olhares no sentido de refazer caminhos e reconstruir histórias, principalmente aquelas que se efetivam nas relações cotidianas tecidas entre os diferentes atores sociais.

PALAVRAS-CHAVE: história cultural. Cultura popular. Festa.

ABSTRACT: the present article aims to argue the possibilities of historical analyses allowed by the cultural studies, looking for to understand the culture and its different forms of manifestation. Of this form, the intended dialogue is mentioned, exactly, to the establishment of a reflection concerning the popular culture in the optics of Cultural History, therefore such analysis allows the cultural historian to reveal looks in the direction to remake ways and to reconstruct histories, mainly those that if they accomplish in the weaved daily relations between the different social actors.

KEYWORDS: cultural history. Popular culture. Party.

* Este artigo é fruto das discussões realizadas na dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, defendida no ano de 2004, intitulada: Nos mistérios do rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão-GO-1936-2003, orientada pela prof.^a Dr.^a Maria Clara Tomaz Machado.

** Doutorando em História pela Universidade de Brasília, sob orientação da profa. Dra. Cléria Botelho da Costa; Mestre em História pela Universidade Federal de Uberlândia-MG.

A festa não é apenas um
acontecimento social, ritual,
comunitário e cíclico, com sua
função inclusive organizativa
para as comunidades.

A festa aponta para algo maior,
está ligada a um significado superior
ao que aparece.

Ela tem sua fundamentação na própria compreensão do sagrado.¹

Partindo da premissa de que a festa é uma prática social que acontece desde os tempos do Brasil-Colônia e que, ainda hoje, ameniza as agruras do cotidiano e a labuta diária, já que age como revigorante, é possível constatar que função maior desse tipo de comemoração é a de aproximar, integrar e expressar tudo aquilo que, no dia-a-dia, não se consegue sentir. Assim, a História Cultural nos permite ter a festa como objeto de estudo inserido no contexto da cultura popular, compreendendo-a numa dinamicidade de ações, interações, sociabilidades e construção de identidades dos diferentes grupos sociais.

Frente à dinamicidade imbricada na palavra festa, este artigo propõe dialogar com os múltiplos sentidos dados às comemorações festivas — numa visão interdisciplinar pautada nas discussões historiográficas sobre cultura popular, bem como nas contribuições da Sociologia e Antropologia.

O interesse pela temática tem propiciado uma contínua reflexão sobre o significado da festa na vida dos sujeitos, tendo como palco para as análises e reflexões a festa em louvor à Senhora do Rosário da cidade de Catalão-GO, pois, trabalhar com a cultura popular, tendo como meta o entendimento dinâmico e múltiplo desse tipo de comemoração é uma das várias possibilidades que o histo-

¹ BERKENBROCK, V. J. A festa nas religiões afro-brasileiras — a verdade torna-se realidade. In: PASSOS, M. (Org). *A festa na vida: imagens e significados*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 193.

riador tem para enveredar pelo cotidiano, (re)costurando tramas e histórias.

Nossa pretensão não é aqui de construir um entendimento unilateral sobre a temática festa e tampouco formular conceitos estanques sobre este tipo de comemoração tão presente na cultura popular. Propomos fazer uma (re)leitura das narrativas tecidas nesse universo festivo-devocional a partir da contribuição da História Cultural, que nos admite compreender toda essa dinamicidade e multiplicidade de ações e interações coladas às vivências e experiências dos diferentes sujeitos que fazem da festa sinônimo de vida. Vale ressaltar que os estudos culturais nos proporcionam dialogar com o cotidiano, alinhavando lembranças, experiências e vivências à trama histórica dos múltiplos sujeitos de forma significativa, pois

[...] cultura de um lado é aquilo que “permanece”; do outro, aquilo que se inventa. Há, por outro lado, as lentidões, as latências, os atrasos que se acumulam na espessura das mentalidades, certezas e ritualizações sociais, via opaca, inflexível, dissimulada nos gestos cotidianos, ao mesmo tempo os mais atuais e milenares. Por outro lado, as irrupções, os desvios, todas essas margens de uma inventividade de onde as gerações futuras extrairão sucessivamente sua “cultura erudita”. A cultura é uma noite escura em que dormem as revoluções de há pouco, invisíveis, encerradas nas práticas, mas pirilampos, e por vezes grandes pássaros noturnos, atravessam-na: aparecimentos e criações delineiam a chance de um outro dia.²

Dessa forma, apoiando-nos nas reflexões de Costa e Magalhães³ é possível afirmar que tanto os historiadores quanto quaisquer outros profissionais podem utilizar a escrita e a oralidade, além de outras linguagens, para corporificar as narrativas numa

² CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 239.

³ COSTA, C. B. da; MAGALHÃES, N. A. (Org.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. Brasília; Paralelo 15, 2001, p. 9.

dimensão temporal, social e culturalmente significadas e ressignificadas. Tais narrativas tecem, na experiência e na memória, como campo de redimensionamento do passado, o presente e o futuro, decodificando simbologias e significados que nos levam a dialogar com o contar e o recontar de tantas histórias, isto é, o que pretendemos nesta reflexão.

Nessa perspectiva, Pesavento⁴ afirma que a “cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica” dando sentido cifrado às vozes, palavras, coisas, ações e aos próprios atores sociais. Podemos acrescentar ainda que, a partir das experiências de vida, os sujeitos ousam, redimensionam por meio de gestos, falas, expressões de fé e devoção, entre tantas outras formas, suas histórias que, metaforicamente, revigoram e reconstroem o sentido da vida. Os personagens dessa narrativa tornam-se parte fundante da História, muitas vezes escrita em linhas tortuosas que caminham entre gestos, falas e imagens; sonhos e vontades. Sentidos e significados, sob passos e descompassos.

No (des)compasso da vida: a reescrita de uma festa⁵

A origem da Festa do Rosário da cidade de Catalão-GO assemelha-se às de outras cidades do país, onde os festejos em louvor aos santos cultuados pelos negros efetivam-se em lendas e mitos desde o período de escravidão no Brasil. Entretanto, o que podemos verificar é a grande semelhança lendária existente, já analisada por Carlos Rodrigues Brandão⁶, nos seus estudos sobre cultura popular e, em especial, sobre as festas em louvor à Santa do Rosário realizadas nas cidades mineiras, sobretudo as

⁴ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 15.

⁵ Todos os depoimentos e letras de músicas aqui utilizados foram colhidos na década de 1990 até o ano de 2003 e se encontram inseridos nas reflexões da dissertação defendida em 2004.

⁶ BRANDÃO, C. R. *A festa do santo preto*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

do Triângulo, devido à proximidade com o município de Catalão-GO. Nessas cidades, o Congado é apresentado como manifestação que simboliza a persistência e a resistência da cultura negra numa sociedade em que a cor da pele baliza as múltiplas relações estabelecidas entre os sujeitos e seus grupos sociais. Dessa forma, a (re)construção da própria identidade negra é bastante presente na festa em questão, posto que as músicas entoadas pelos congadeiros, durante ensaios, visitas e cortejos festivo-devocionais evidenciam a importância da valorização identitária e a necessidade pujante de ressalva à construção da liberdade, frente ao sofrimento e às humilhações que marcam a história do negro no Brasil.

Nas comemorações em louvor à Virgem do Rosário, em Catalão, é possível ouvir cantorias entoadas pelos congadeiros que, no improviso, apresentam mensagens cifradas que reelaboram momentos da trajetória do negro da África para o Brasil ou até mesmo da sua importância étnica para a cultura brasileira e local.

Muitas dessas músicas, geralmente improvisadas, com refrões curtos e com rimas aparentes, são cantadas pelo capitão do congado durante os cortejos festivos e repetidas pelos demais dançadores que falam das histórias ancestrais e da identidade negra. Uma dessas cantorias diz: “Sou africano/ vim para o Brasil contra a vontade/ trabalhará na escravidão dia e noite/ sem tê liberdade. Agora sô também brasileiro, sou filho da raça Brasil.”⁷

Por outro lado, as músicas entoadas representam também as múltiplas conjunções culturais fruto da dinamicidade da população brasileira incorporadas ao nosso modo de agir, expressar e vislumbrar nossos laços culturais como retrata o refrão improvisado por um terno da cidade, cuja letra da música diz: “Sai de Mato Grosso/ passei por Minas Gerais/ cheguei a Catalão/ Terra boa de

⁷ Música entoada por um terno do congado de Catalão-GO durante os festejos do ano de 2002. Cf. KATRIB, C. M. I. *Nos mistérios do Rosário: as múltiplas vivências da festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário – Catalão (GO) 2004*. 244 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

Goiás.”⁸ Na letra dessa música, é possível notar que, nesses caminhos percorridos, essas andanças trouxeram para o município de Catalão-GO, desde os idos de 1800, a dialogicidade étnico-cultural do negro e do branco presentes em hábitos, na cultura e na devoção, alinhavando nessa caminhada fé e festa e, ao mesmo tempo, estabelecendo vínculos de pertencimento e de sociabilidades.

Conforme nos aponta Mauro Passos⁹, na trama ordenada de símbolos, gestos e representações, o catolicismo vai se entrecruzando com a vida. Dor, alegria, esperança, problemas, anseios, festas, novenas e santos, vão compondo e recompondo o cenário dia a dia e as linhas (des)compassadas de uma história sendo tortuosamente escritas, dando vida à vida e a tantas histórias. As lembranças de dançadores como a do senhor Pedro Alcino e do senhor Joaquim Coelho possibilitam-nos compreender a reescrita de tantas histórias edificadas através das linhas da vida e do tempo, pois segundo afirma Joaquim Coelho¹⁰:

Quando eu vim de Minas pra cá (se refere a Catalão) os dançadô mais antigo já dizia que a festa aqui começô cum os iscravu nas fazenda. Dispois uns fazenderô truxeru a festa pra cidade, construiu nossa igreja, tomara ela de nós [...]. Ai voltemo di novu pras fazenda e lá muitos disiludiru e outros continuarô a festejá. Era uns grupinhu piquitito ali otrus aculá; uns na cidade otrus na fazenda. Uns festejava im maio por causa da escravidão e otrus im outubro. Mas o que me contarô é que a festa só cresceu di novu com a construção da nossa Igreja onde ela tá até hoji. Dispois disso a festa num paro maisi. Quando eu cheguei aqui ela já tava erguida e

⁸ Cf. KATRIB, C. M. I. *Nos mistérios do Rosário*: as múltiplas vivências da festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário – Catalão (GO) 2004. 244 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

⁹ PASSOS, M. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa. In: _____. *A festa na vida*: significados e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

¹⁰ COELHO, Joaquim. Depoimento, 2000.

o povo já fazia a festa. Sabi duma coisa: se num fosse essa festa muito de nós mais véi num taria aqui agora [...] num taria mesmu sabi purquê? Vô ti dizê: — Somu fio de Nossa Senhora? Nossa vida é intregue nas mão dela!.

Pedro Alcino¹¹ reforça o que Joaquim Coelho diz:

Essa festa é muito antiga. Ela cumeçô nas fazenda com os negru iscravo. Depois veiu pra cidade mais os padri num gostava que nós festejasse com as congada nossa Santa e proibiru nós de entrá na igreja. Nós perdemu a igreja e tinha que dançá do ladu de fora proquê us padre fechava as porta da igreja. Mais isso num impidiu nós não. Cum nossa fé nós conseguimos uma outra igreja e a festa taí. Os padri aceitarô nós e nossa festa continua bunita. Tem uma coisa tombém: nós qui viemu de Minas Gerais, acostumado a louva Nossa Virge temu ela como nossa mãe. É ela que tem protegidu os negu todo [...] foi anssim da iscravidão até hoje porque nós ainda sofremu [...] não cumo antis mais sofremu.

Portanto, precisamos levar em consideração a análise de Costa¹² quando a mesma afirma que sendo a narrativa fragmentada e individualizada, ela trás consigo, ao tempo presente, a historicidade de toda essa dinamicidade temporal. Essa dinamicidade temporal se encontra presente nas falas dos congadeiros como Pedro Alcino e Joaquim Coelho, que conseguem recompor, cada qual a sua maneira, narrativas que estabelecem os vínculos que estabelecem fé e essa num mesmo patamar de dialogicidade.

Dessa forma, podemos perceber então que

A cada minuto de nossa existência, narramos o que testemunhamos nossas dívidas, nossas crenças, amores, desafetos, enfim,

¹¹ ALCINO, Pedro. Depoimento, 2000.

¹² COSTA, C. B. da. Memórias compartilhadas. In: COSTA, C. B da; MAGALHÃES, N. A. (Org.). *Contar História, fazer História: história, cultura e memória*. Brasília; Paralelo 15, 2001, p. 73-84.

nossa experiência pessoal e social — do presente, do passado e do futuro — e, dessa forma, construirmos nossa vida e a vida dos outros. São histórias reconstruídas na esteira do passado e ressignificadas com o olhar do presente. [...] Por meio das narrativas, construímos e compartilhamos memórias. Neste sentido, penso que a narrativa, como ato de compartilhar memórias, como fala do homem no mundo e sobre o mundo, sobrevive no tempo atual¹³.

Não se pode, aqui, deixar de destacar, com base nas falas dos próprios congadeiros e pessoas ligadas às comemorações do Rosário em Catalão-GO, o que é também reforçado no estudo de Rubens Alves da Silva¹⁴, que o Congado é uma tradição muito antiga em Minas Gerais. Remonta o século XVIII, período em que várias irmandades de negros difundiam-se pelo estado e, nos lugares onde essas não se efetivavam, a prática do Congado surgia de forma autônoma, ligada, quase sempre, aos festejos católicos locais. Isso vem ao encontro da origem das Congadas em Catalão-GO, cujas semelhanças com as praticadas nas cidades mineiras são muitas, pois os primeiros negros que vieram para o município juntamente com os fazendeiros eram oriundos do estado de Minas Gerais.

Em torno dessa dinamicidade festivo-devocional à Nossa Senhora do Rosário, caminhos são trilhados, movidos pela fé de um povo a um determinado santo ou pelas diferentes formas de atualização dessa fé em gestos e atitudes, o que passou a expressar e a construir o sentido da vida, dos mistérios e da força que move os sujeitos anônimos, trabalhadores que, no dia-a-dia, buscam forças para se manterem vivos, regrado de esperanças o futuro, fazendo dele não só um universo de incertezas, mas de esperança.

¹³ COSTA, C. B. da. *Memórias compartilhadas*, p. 79.

¹⁴ PEREIRA, E. de A.; GOMES, N. P. de M. *Flor do não esquecimento: cultura popular e processos de transformação*. Belo horizonte: Autêntica, 2002.

Congos

Viver a fé e a devoção em Catalão foi se transformando também em viver a festa, uma vez que toda a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário se resumia à parte religiosa e à realização de uma quermesse, em que todas as despesas corriam por conta dos festeiros, os quais contavam com a doação de alimentos e outras ajudas para a realização dos festejos. Entretanto, as comemorações eram celebradas com muita reza e fartura, cumprimentos e abraços concretizados.

Nesse universo, as narrativas ganhavam forma e força, pois os fazendeiros da época se mostravam, estabeleciam vínculos de sociabilidade com a população presente, transformando-se no atrativo das comemorações. Aquele era mais um momento de projeção social, em que apareciam como pessoas aquinhoadas da cidade e incentivadoras da festa, como bem destaca Campos.¹⁵

Se, de um lado, tínhamos a exposição social e econômica, em que a população demonstrava sua fé ao catolicismo; de outro, os negros tinham, naquele momento, a oportunidade de transmutar sua fé e religiosidade ao culto ancestral e às suas divindades, travestidas de santos católicos, podendo, a seu modo, fazer as devidas reverências e evocações.

Essa transmutação de interesses ocorria durante a novena festivo-devocional. Após as rezas no interior da igreja, a população reunia-se do lado externo para se confraternizar e saborear quitutes, doces e outras guloseimas numa pequena quermesse organizada no local, espaço de acesso restrito, uma vez que pouquíssimos eram os negros que participavam, inclusive, das rezas celebradas no interior da igreja, sempre vigiadas pelos olhos de seus senhores.

Campos narra de forma detalhada o modo como a festa se desenrolava aos olhos das pessoas de posse do município, ganhando forma e espaço. Segundo a memorialista:

¹⁵ CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão: estudo histórico e geográfico*. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.

[...] nestes dias de festas os “sinhôs e as sinhás” tinham considerações especiais para com seus pretos empregados, nas fazendas que ainda conservavam o hábito e costume da escravidão recentemente extinta. Muitos usavam roupas, jóias e adereços caros de seus patrões. A festa se tornara um multicolorido espetáculo ao som do batido monótono e dolente das caixas que mais pareciam lamentos dos corações oprimidos e injustiçados.

[...] os negros consideravam uma honra serem servidos por seus patrões e senhores. Os fazendeiros matavam vacas e porcos, enchiam latas de querosene de doces, matavam-se dúzias de frangos para a alimentação não só dos pretos que dançavam, mas também dos familiares e de toda a turma que os acompanhava. Além do arroz, tutu de feijão, almôndegas, carne frita guardada em grandes pedaços ou postas na gordura, não faltando a tradicional e indispensável sopa de macarrão com frango. Os pretos dançadores eram servidos em primeiro lugar e consideravam uma honra serem servidos pelos seus senhores.

Tais narrativas nos levam a perceber que o próprio incentivo à participação restrita dos negros à festa, por parte de seus senhores, que os incentivam à prática do Congado, fornecendo-lhes roupas, emprestando-lhes jóias e permitindo que se afastassem do trabalho nas fazendas para cultuar Nossa Senhora, não acontecia tão somente por devoção do fazendeiro. Participar, mesmo que indiretamente, era uma forma de ganhar a atenção dos moradores da cidade, dos outros fazendeiros e seus familiares que se deslocavam da zona rural para a cidade nos dias de festa, construindo uma imagem de homem poderoso e religioso. Por trás dessas qualidades, escondia-se o papel do político, que angariava a confiança da população, sendo reconhecido por outros políticos, projetando-se por tais caminhos¹⁶.

Enquanto os foguetes pipocavam o céu, colorindo-o com fa-

¹⁶ Cf. KATRIB, C.M.I. *Batuques entrecruzados...*, 2004.

gulhas reluzentes, o negro lavava com suor seus pedidos e súplicas por melhores dias e, em cada batuque, espelhava na força da batida das caixas e no seu semblante pensativo a expressão dos sofrimentos de sua labuta diária. A persistência e a vontade de conquistar de fato a liberdade impulsionava a vida e a fé dos negros dançadores.

Nesse sentido, o batuque das caixas, as vozes desencontradas, os pulos e requebros desordenados não se resumiam apenas a uma cultura deturpada, mais que isso, eram essas práticas e representações que faziam dos negros sujeitos fortes, persistentes, que conseguiram restabelecer-se frente a tantos conflitos e tensões que, muitas vezes, os impediam de rememorar traços diversos de suas origens, dar continuidade a elas, mas que acabavam por impulsionar o grau de pertencimento e de tradução da sua cultura e da sua identidade.

Para Passos é muito mais que tradição desvinculada das vivências e experiências dos sujeitos sociais, haja vista que “[...] em repetidos gestos, a festa do Rosário dos negros agrega em si a força das origens. Memória afetiva. Construtora de identidade. A identidade negra continua a se manifestar, pois a memória continua viva”¹⁷. Viva no corpo que se movimenta incessantemente ao som das caixas, alimentadas pelo suor que escorre da face e que molha o chão, que faz a boca salivar entre música e oração, que, nas vozes roucas e descompassadas, tornam-se expressão de vida e de fé, que ecoam pelo ar, perdem-se no tempo e se (re)estabelecem nas lembranças daqueles que fazem da festa a sua “festa”, a festa da cultura negra, a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário de Catalão.

Todavia, há que se pensar a festa, parte da cultura popular, colada ao social. Por isso, mais do que tradição, passado e lembrança, ela se reinaugura todos os anos, acompanhando o tempo, a história, transforma-se e recria-se, até mesmo para continuar existindo.

¹⁷ PASSOS, Mauro. O catolicismo popular. In: _____. *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 182.

Festa: sentidos, significados e narrativas

Vida, festa e fé fazem parte da história dos brasileiros, de sua cultura, seja ela singular ou plural, alimentando sonhos, vontades, desejos, elementos esses sustentados na oralidade, proporcionando uma multiplicidade de práticas sociais e culturais, que persistem e resistem ao tempo ou mesmo se transformam e se consolidam como parte da vida dos sujeitos sociais.

Magalhães, dialogando com Walter Benjamin, nos faz perceber a importância da junção entre escrita e oralidade. A autora salienta a necessidade das narrativas indagando: “Qual o papel da mão, do olhar, da alma do trabalho e na narração, hoje?” E completa:

Sabendo narrar [...] aquele que conta transmite um saber do qual quem ouve pode tirar proveito, uma sapiência prática, que pode tomar a forma de um produto sólido e único, de uma moral, de uma norma de vida, de uma advertência, de um provérbio, de um conselho.¹⁸

Se a narrativa oferece ao historiador desvelar olhares e recompor sentidos, podemos pensar a cultura e, sobretudo, as diferentes formas de expressão da cultura popular, como possibilidades de reescrita e de releituras de muitas histórias. Porém, não podemos reler e também reescrever essas histórias se não levarmos em consideração que não é possível analisar a cultura por si mesma. Precisamos interpretar, de forma consciente, as diferentes práticas culturais no contexto social de forma que os múltiplos sentidos e significados nos permitam compreender a dinâmica dessas transformações.

Precisamos, então, entender cultura popular a partir de um

¹⁸ MAGALHÃES, Nancy A. Narradores: Vozes e poderes de diferentes pensadores. In: COSTA, Cléria Botelho da.; MAGALHÃES, Nancy Aléssio (Org.). *Contar história, fazer história: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001, p. 85-107.

contexto de vivências e experiências desenhados através da dinâmica social e corporificados no cotidiano dos sujeitos, redimensionando seus hábitos, costumes, experiências de vida, de forma a garantir inteiração e a integração dos diferentes sujeitos à sociedade e aos diferentes grupos sociais, de forma simples, empírica, mas não deixando de se constituir num conhecimento demarcatório, de identificação cultural e social.

Na perspectiva de Machado,

Se a cultura é um modo específico de ver, sentir e representar o mundo em que se vive, para estudar as suas formas de representações culturais é preciso, antes de qualquer coisa, penetrar pelo interior de uma determinada realidade social, desvendar a lógica de como essas representações foram construídas e apresentadas ao público — o que pode estar presente nos gestos, na linguagem, nos seus referenciais de mundo, nas suas práticas cotidianas de trabalho, de lazer e religiosidade.¹⁹

Vale salientar ainda que, de acordo com Machado, a dinamicidade cultural presente no campo da discussão historiográfica da História Cultural se efetiva a partir da consolidação permanente e fluida de ritmos e lógicas, posto que a chave de leitura para a cultura popular se encontra, justamente, no redimensionamento do valor cultural que as práticas e representações assumem no cotidiano dos grupos sociais.

Tendo como foco esse diálogo tecido com a História Cultural e com a própria cultura popular, podemos deixar de esclarecer que esses momentos como o da festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário, realizada na cidade de Catalão-GO, há mais de um século, se refaz a partir das relações dinâmicas mantidas entre os diferentes espaços de re-significação de valores simbólicos e ide-

¹⁹ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, R.; RAMOS, A. F. (Org.). *História e cultura: espaços plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002, p. 335-345.

ológicos consolidados nas alterações sociais pré-estabelecidas. Sendo também (re)construídas pelos sujeitos sociais.²⁰ Dentro dessa dinâmica de compreensão se encaixa o Congado e os festejos, de forma geral, em louvor à Nossa Senhora do Rosário, aqui entendidos como exemplos vivos da persistência e resistência a valores impostos.

A festa, num contexto dinâmico e múltiplo, expressa também diferentes sentidos ao universo cotidiano de acordo com as vivências, experiências e interesses que se imbricam na sua realização. Por este viés, Canclini leva-nos a uma compreensão geral sobre o sentido da festa, quando afirma que as celebrações festivas sintetizam a totalidade da vida dos sujeitos dentro das relações sociais, econômicas, culturais e políticas que movimentam as suas comunidades. Para ele, uma de suas origens está ligada aos movimentos de unificação das massas para celebrar acontecimentos ou crenças nascidas no convívio social, fruto das experiências cotidianas, e outra determinada pela imposição do poder cultural, no sentido de comandar as condições materiais da vida dos sujeitos.²¹

A festa, na visão de Canclini, é momento dos “relembraamentos”, de trazer à tona as lembranças do passado, de revivê-las, de atualizá-las e fazer com que sentimentos e ressentimentos misturem-se, projetando na memória dos sujeitos a presentificação da festa nas suas vidas.

Para Edsônia Arruda,²² a festa trás à tona as lembranças de sua mocidade e também faz fluir as lembranças do tempo em que seu pai era vivo e comandava o congado da família. Edsônia relembra que:

Quando nós era piqueno, eu e meus irmão ficava tudo doidu pra chega a festa. Aqui em casa era só aligria [...]. Meu pai cumeçava

²⁰ CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão: estudo histórico e geográfico*. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.

²¹ CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora USP, 1997.

²² ARRUDA, Edsônia. Depoimento, 2003.

a arrumá as coisa pra festa juntu com meus irmão mais velhus e eu mais minha mãe e as outras, nós ia cuida dos uniforme, da bandera [...]. Como era bão esse tempu. Mais hoji eu tenhu saudadi de tudo isso... do meu pai que já se foi... da festa de antigamente... mais o que num morre nunca é a minha fé e o amor que sintu pela minha Santinha! Eu também nunca deixei de ser devota dela! Mesmo hoje, já de idade, vou até a igreja, rezo por ela, façu meus pidido e nos dia da festa vou lá também e me divirtu e cumpro minhas obrigação de devota dela. Tanu no meio dessa festa sintu meu pai aqui também, entre nós... festanu também!

A associação estabelecida entre o festejar e o rezar contribuiu para que a festa se tornasse um acontecimento coletivo, vislumbrado como meio de aproximação das pessoas, independentes de suas condições sociais, econômicas, ideológicas. Viver passou a ser também uma forma de festejar a vida.

Numa outra dimensão, podemos destacar que o sentido da festa, como bem sabemos, ultrapassa a simples comemoração, passando a reforçar laços afetivos e religiosos, a transcender o homem comum a um plano superior daquele vivenciado no dia-a-dia, a promover sujeitos, a impor ritmos e aceitações ideológicas, a aflorar desejos, a atualizar e revigorar contradições sociais e jogos de interesses escamoteados no interior dos momentos festivos. Tudo isso redimensiona as vivências e as experiências dos diferentes atores sociais às suas práticas culturais.

Por este viés, a transposição entre o ato de festar pelo simples festar, ou de viver a própria festa na sua plenitude, leva ao jogo elaborado da construção de interesses específicos sobre o momento da celebração festiva, de acordo com os grupos sociais que ali se encontram, já que cada um concebe a festa à sua maneira e dela tira os proveitos necessários à manutenção de suas ideologias, crenças e interesses individuais e/ou coletivos. E assim, conforme destaca Rita Amaral, a festa perpassa pólos distintos quanto à sua organização e sentido, posto que, entrelaçadas a essa, também se encontram diferentes simbologias que nos permitem passear pelos labirintos festivos de forma dinâmica e múltipla.

Um passeio pelos labirintos festivos

A festa do Rosário, da cidade de Catalão-GO, traz consigo muitas práticas e momentos que evidenciam o seu caráter rural, pois nasceu como prática festiva nas fazendas do município por volta de 1880 e, mais tarde, firmou-se na cidade, quando da construção da igreja em louvor à Santa do Rosário, na Praça Irineu Reis Nicoletti – Largo do Rosário, em 1936. Assim, juntamente com as celebrações católicas comandadas pela paróquia local, como as novenas marcadas por missas, terços, confissões, corações de Nossa Senhora e também pela parte festiva marcada por ceias, bailes, leilões, bingos, comércio ambulante, prostituição, entre tantos outros acontecimentos que dividem um mesmo espaço.

Tais acontecimentos, apesar de distintos, não se separam aos olhos do povo, que reza em frente à igreja, dirige-se para as ceias, anda pelas barracas de comércio, namora, bebe, celebra a vida, cada um a seu modo, revigorando forças e revitalizando sentimentos. As disputas e diferenças sociais que a cada ano se intensificam fazem com que as comemorações tenham um sentido dinâmico, rompendo com a visão congelada que se dá a esse tipo de manifestação cultural. O que faz da festa um acontecimento múltiplo é justamente a circularidade de situações, ações e reações construídas e reelaboradas pelos diferentes sujeitos sociais que, de uma forma ou de outra, constroem essa dinamicidade.

Assim, a dinâmica da festa pode ser considerada uma prática social bastante antiga, ora obedecendo a um sentido específico, como da comemoração, ora como adoração, registrando as marcas de um tempo e da história de um lugar ou de um grupo social.

O rompimento com o cotidiano, como afirma Amaral,²³ impõe situações atípicas à vivência diária, como fazer uma promessa e

²³ AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira*. Significados do festajar no país que “não é sério”. 1998. 387 f. Tese (Doutorado em Ciências – Antropologia). Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

cumpri-la, caminhar em romaria, dançar frente à imagem do santo, entre tantos outros motivos que induzem os crentes a extrapolar suas ações, tão diferentes dos limites da vida real. O sentido da festa resvala para além da representação religiosa, aproximando os sujeitos, tornando-os cúmplices por meio de rituais que mantêm (re)atualizadas as práticas de seus antepassados.

A festa representa, então, nas diferentes culturas, conforme destaca Franz Weber, a manifestação de uma vida diferente, de uma vida presenteada, que o ser humano não pode dar a si mesmo. Isso faz com que os sujeitos celebrem a vida por meio da festa, porque essa possibilita, enquanto prática cultural, o encontro do indivíduo fragmentado com suas raízes, com sua história, sendo sujeito histórico de seu tempo.²⁴

Nesse sentido, a festa, como comemoração coletiva, representa muito mais do que o simples cultuar ou rememorar o passado, contemplar imagens sacralizadas ou os mitos e heróis concebidos pela sociedade. Reflete a necessidade de manter viva, pelas comemorações, a história dos grupos sociais, (re)atualizando práticas despossuídas e instituindo uma identidade social, que (re)organiza a sociabilidade dos sujeitos, interferindo no mundo do trabalho, nos laços familiares e na rotina diária.

A festa do Rosário, para muitos moradores da cidade de Catalão, é um rompimento momentâneo com o cotidiano, um empecilho à normalidade rotineira da cidade, pois, durante a primeira semana que antecede os dez dias oficiais de festa e os dias posteriores do mês de outubro, toda a cidade passa a se organizar conforme o tempo festivo.²⁵

Assim, escolas têm o número de alunos reduzidos durante os

²⁴ WEBER, Peter. Celebrar a vida. In: PASSOS, M. *A festa na vida – significado e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 143-164.

²⁵ Cf. KATRIB, C. M. I. Bataques entrecruzados: a (re)inauguração da vida através da festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário de Catalão – GO. In: OPSIS – *Revista do Niesc*: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. Dossiê cultura popular. Universidade Federal de Goiás. v. 4, 2004, p. 35-50.

dias de festa em virtude de esses preferirem participar da festa à rotina que envolve os estudos. Desse modo, encontra-se naquele ambiente a oportunidade de associar o tempo do trabalho ao da festa.

Outros despossuídos vêem na festa a oportunidade de ali melhorar, temporariamente, sua renda familiar, vendendo água, comida e até o próprio corpo, pois o tempo da falta de trabalho pode ser preenchido durante a festa por oportunidades diferenciadas, que amenizam para esses despossuídos as agruras do dia-a-dia e servem, aos olhos dos outros, como janela para a discriminação e a rejeição social.

Dentro dessa temporalidade que se efetiva, as mudanças se constroem e as escolas estabelecem horários específicos de aulas, o feriado de um dia se estende como recesso semanal, adequando-se ao ápice e término dos festejos à santa. Além disso, muitos trabalhadores têm como preferência gozar do direito às suas férias no mês de outubro, participando mais intensamente das festividades, pois muitos são congadeiros e têm nesse mês um compromisso com a fé, louvor, devoção e o divertimento propiciado pelas celebrações a Nossa Senhora do Rosário.

A festa, oficialmente celebrada na cidade, pode até ter como marco os dez primeiros dias do mês de outubro, porém, para grande parte da população local, ela só se dá por encerrada a partir do momento em que a última barraca de comércio ambulante desocupa as ruas do bairro do Rosário — centro da cidade —, isso após uma semana do término oficial das comemorações. Essa vinculação entre população e prática comercial é visto como o momento das melhores aquisições dos produtos ali vendidos, conseguindo preços mais baixos, para uma maior quantidade de mercadorias.

Para muitos moradores da cidade, os dias oficiais são dedicados às orações, passeios e visitas diárias ou esporádicas àquele local e a semana posterior, às compras.

Faz jus mencionar que outros discursos compõem o cenário da festa, entre eles, o lugar do político, cujas ideologias perpassam e circunscrevem sentidos, de acordo com o jogo de interes-

ses estabelecido no seu interior pelos que controlam a efetivação dos rituais e comemorações num determinado espaço.

Duvignaud²⁶ reflete sobre esse jogo de interesses, apontando que o aproximar dos sujeitos da festa funciona, de certo modo, como uma fuga da ordem social imposta, visto que ela se efetiva em espaços e tempos sem organização e preocupação com a lógica racional. Mesmo assim, nessa não organização, insere-se o jogo de ideologias, demonstrando ser a festa um momento de imposição de valores, construção e efetivação de mitos e símbolos que se incorporam à oficialidade da cerimônia. Nesse construir dos festejos, a sociedade incorpora a prática comemorativa de sua história e a dos grupos sociais nela envolvidos.

Nessa outra dimensão, os sujeitos com pretensões políticas são freqüentadores natos da festa, pois ali, naquele cenário múltiplo, entre cumprimentos e apertos de mão, abraços e congratulações, sentem-se importantes, consolidam o corpo-a-corpo vendo a chance de se tornarem populares e lembrados pela população nos anos eleitorais. Alguns são mais ousados e inserem-se nesse universo festivo na condição de festeiros, devotos fervorosos que acompanham todos os terços, missas, procissões ou cortejos, e se dizem incentivadores da cultura negra e representantes fiéis da raça.

Mesmo assim, as oportunidades são poucas, posto que, nessa afluência de encontros e desencontros, muitos sujeitos “caem no anonimato”, alguns são esquecidos ou ignorados e outros ainda reafirmam seu prestígio. A concorrência, muitas vezes, é desigual diante de tantos caminhos a serem percorridos e dos mistérios a serem decifrados no ir e vir dos sujeitos e da realização da festa.

Pensando nessa dinamicidade festiva e nos vários momentos de uma festa, notamos que é ali que os valores sociais, culturais ou religiosos são reforçados ou impostos. Assim como novas formas de perceber e conceber a festa são inseridas num contexto social de trocas simbólicas e de interesses que reforçam a ação

²⁶ DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Trad. L. F. Raposo Fontenelle. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

dos homens sobre outros homens, também a sua própria continuidade pode demonstrar a resistência de um grupo social, demarcando e atribuindo-lhe importância social. Dessa perspectiva, pode-se festejar aquilo que foi para nós selecionado pelos outros e incorporado a nossa memória, fazendo-nos lembrar determinadas datas e reviver as celebrações e os ritos do passado das elites sociais, como forma de revigorar a identidade cultural e valorar segmentos sociais marginalizados socialmente.

Trilhando outros caminhos: uma reflexão necessária

A festa do Rosário, em Catalão-GO, serve-nos como objeto de estudo, já que se insere na dialogicidade e nos caminhos possíveis dados ao historiador pela História Cultural, uma vez que apresenta toda essa dinamicidade e multiplicidade de relações. Mostra, ainda, uma miscelânea de celebrações, espaços e momentos que são experienciadas de diferentes maneiras pelos sujeitos dentro da vida coletiva estabelecida. Nesse contexto, podemos perceber que o sentido da palavra festa se agrega à visão ou à associação que os sujeitos têm ou fazem dessa prática socialmente construída e vivenciada nos diferentes níveis da vida social.

Nesse contexto, percebemos que cada sujeito assume a festa a seu modo e a tem como sinônimo de vida, lazer, devoção, trabalho, prazer, resgate do passado, das lembranças e de suas vivências, reflexão e (re)construção de dias melhores, de transformação de sonho em realidade, de desencanto em encanto, de dor em alegria, de presentificação e seleção das lembranças, memórias de um tempo.

Nesse reencontro festivo em que os fatos e as histórias se separam e se encaixam, encontramos pessoas como Dona Maria Madalena da Silva²⁷, uma velha negra de 70 anos de idade. Essa senhora, devota de Nossa Senhora do Rosário, não se esquece de que louvar à santa é também viver a diversão, o lazer, o entre-

²⁷ SILVA, Maria Madalena da. Depoimento, 2002.

tenimento, a comilança e o encontro com diferentes pessoas ali onde a festa oficial acontece.

Êta coisa boa isso aqui! É muito bão vê esse povo se divertinu, festejano e rezano nossa Santa. É tanta genti, tantas barraca que a gente nem güenta andá nelas. E a fartura... Nunca vi tanta quitanda na minha vida riunida assim... o povo come, carrega pra mode levá pra casa. Esses festero é faturento, heim?

Para ela, que acompanha a festa desde criança, festejar é celebrar a fé e o divertimento; é participar rezando à Nossa Senhora e agradecendo; pedindo proteção e saúde. Em sua lucidez, é possível notar que dona Maria Madalena também reserva seu tempo a contemplar o ir e vir das pessoas pela festa, assistindo a tudo atentamente, haja vista que aquele lugar é mágico, reporta ao tempo da sua juventude, quando ela era mais que uma observadora. Andava pelas ruas do bairro, participava das novenas e terços, divertia-se em meio à multidão de transeuntes, não deixando nunca de pedir a proteção da “Mamãe do Rosário”.

Dona Maria Madalena demonstra, por meio de seu colar de contas envolto em suas mãos, que ali, no Largo do Rosário — área onde acontece o ápice dos festejos à santa — é lugar sagrado, espaço de muita fé e devoção, em que problemas da vida e da “labuta” diária são esquecidos momentaneamente, pois “[...] num existi problema qui Nossa Senhora num resolve. Maisi tem qui tê fé!” — como muito bem nos lembra. Entretanto, esse lugar do divertimento transporta os sujeitos à rememoração do passado, contemplando a grandiosidade de uma festa e de um espaço que se efetiva no prazer da alma juntamente com os prazeres da carne, uma vez que o sagrado e o profano mesclam-se na (re)construção do significado da festa na vida dos sujeitos.

Sabendo desse entrecruzar de significados, ela continua afirmando que “[...] quando se sabe agi com o coração, pedinu cum fé tudo é possível”. E isso ela mostra sabiamente, pois admira a tudo e a todos no Largo do Rosário, embora seu olhar sempre se direcione à imagem da santa, no alto da torre da igreja. Seus pen-

samentos vão da imagem ao terço de contas, trançado em suas mãos. E nas contas de lágrima do seu rosário, as lágrimas escorrem pela face, quando reza. Também é visível o brilho nos olhos, já que contempla também o local, voltando a viver os tempos de mocidade. Dona Maria Madalena deixa claro também que a festa mudou muito, mas também que aprova a mudança e diverte-se com ela, pois vivenciou-a em diferentes momentos. Ela diz:

Sabe meu fio, cê é novu! Num devi nem se lembrá. Maisi essa festa aqui, sempri tevi genti. Muita gente acompanhanu. Maisi hoje, nosa! É genti dimais, cê fica até zonzu de andá nu meu dezê, até podê chegá aqui nu Largu. Eu to véia, num dô conta dissu não. Mais tamém, meu fio, num possu deixá de vim. Essa festa é minha vida e tá nu sangue da nega [bate nos braços enrugados pelo tempo]. Eu tenhu que rezá pra minha santa. Ela é minha vida tamém. Tá venu esse rusáro aqui?! Mi acumpanha há muito tempu, mesmu! [olha para santa no alto da igreja e aponta] ela tamém... Maisi se tem muita genti aqui é porque a festa é du povu mesmu. Aqui nem todo mundo vem pra reza. Maisi é bão vê tanta genti aqui hoje! É uma aligria pra mim tamém. Tamém né? Eu sô du tempu que o povu vinha das roça de carroça, carru de boi, e posava aqui no Largu, nas barracas de foia de babaçu, como essas barraca de venda que tem aí [refere-se às barracas de comércio feitas de lona e armação de madeira ou metalon]. Tinha até poçu de água aqui nu Largu. Pro cê vê u tantu que isso aqui mudô. Hoje é tudo organizadim...! Né?...²⁸

Enquanto na percepção de dona Maria Madalena o festar e o rezar mesclam-se na dinamicidade da festa e revigoram a sua vontade de, a cada ano, estar viva e poder participar da mesma, para Dona Marieta Maria Marques²⁹, de 67 anos, aquele momento de reviver a sua adoração à Virgem do Rosário pode ser um dos últimos de sua vida, em razão de seu estado debilitado. Por isso,

²⁸ SILVA, Maria Madalena. Depoimento, 2003.

²⁹ MARQUES, Marieta M. Depoimento, 2003.

seus olhos só se voltam à veneração da imagem da santa no interior da igreja.

Quando perguntada sobre o significado da festa, ela responde:

Marieta Maria Marques

Oh, meu filho... Pra mim o que importa é eu está aqui... de frente pra minha Santa... Fazia três ano que eu num vinha à igreja... Eu falava todo ano quando chegava outubro que eu quiria vim aqui, na igreja, mais nunca dava porque eu tô inválida, mas minha fé e devoção não. E hoje, depois de três ano, eu falei pra minha filha: me leva lá, pelo amor de Deus, eu preciso entrá na igreja e rezá pra Nossa Senhora do Rusário. Eu recebi já tantas graças, sei que tá chegando minha hora e não sei se vou vê ela de novo... Aí, meu filho [chora], ela me troxe aqui e me pois de frente pra santa e isso é uma emoção muito grande... O que passa lá fora num me importo, mais eu precisava vim aqui na igreja... eu precisava... Mesmo nessa cadera de roda, com todas as dificuldade, minha filha me troxe e essas lágrima é de emoção em ver a minha santa... Ela é tão bunita! Que paz!

Nessa reconstrução festiva, em que a palavra festa assume diferentes significados e sinônimos, uma diversidade de práticas e representações se fazem presentes, posto que se forma um conjunto dinâmico que alinhava o sagrado e não sagrado, possibilitando, conforme esclarece Machado, conceber a festa não dentro de um padrão uniforme, mas com base na diversidade de ações e situações confrontantes num espaço coletivo, uma vez que é justamente nesses espaços que se estabelecem as diferentes visões de mundo, de aceitação e compreensão dos elementos constitutivos de diferentes comemorações festivas.

Frente a essa visão dialógica, procuramos, neste artigo, compreender a festa como momento de ruptura com o cotidiano, transformando-o e dando-lhe um sentido especial, diferenciado daqueles dias comuns para, ao mesmo tempo, compreender melhor como ocorre esse processo de (re)significação de valores culturais e



Igreja Velha Matriz de Catalão-GO – 1ª igreja de Nossa Senhora do Rosário de Catalão. Acervo Fundação Cultural Maria das Dores Campos.

sociais contidos nas comemorações festivas a partir das narrativas tecidas pelos diferentes sujeitos.

Compreender a festa, nesse contexto múltiplo, é inseri-la para além de sua ritualização e comemoração. É pensá-la como parte da cultura popular, colada ao social. Por isso, mais que tradição, passado e lembrança, ela “[...] alinhava o sagrado ao profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e o dançar, solidariedade e (re)encontros”.³⁰

A festa reinaugura, todos os anos, vidas e histórias, acompanhando o tempo, transformando-se e recriando-se para manter-se viva enquanto prática presenciável no universo dinâmico da Cultura Popular.

E, nas trilhas e nas tramas da história, (re)construídas e movimentadas pelos passos e descompassos dos sujeitos sociais, percebemos o entrelaçamento de vontades e desejos que se proje-

³⁰ MACHADO, M. C. T. Pela fé: a representação de tantas histórias. *Revista Estudos de História*, v. 7, n. 1, Franca, 2000, p. 53.

tam na efetivação de sonhos em realidades, em interesses, em buscas pessoais e num desejo de se sentir presente na história e na vida. São nessas idas e vindas que notamos os sujeitos (re)viverem sua fé, sua devoção, a festa, (re)construindo caminhos múltiplos de persistência e transformação da vida, da história, das lembranças e da memória registradas oficialmente ou perdidas pelas páginas do tempo e que, um dia, farão parte dos novos caminhos da história de outros sujeitos. E assim, a festa continua.

Referências

ALCINO, Pedro. Depoimento, 2000.

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. *Festa à brasileira. Significados do festejar no país que “não é sério”*. Tese (Doutorado em Antropologia), São Paulo: FFLC-USP, 1998.

ARRUDA, Edsônia. Depoimento, 2003.

BERKENBROCK, V. J. A festa nas religiões Afro-brasileiras – a verdade torna-se realidade. In: PASSOS, M. (org). *A Festa na vida: Imagens e significados*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRANDÃO, C. R. *A festa do Santo preto*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

CAMPOS, Maria das Dores. *Catalão: Estudo Histórico e Geográfico*. Goiânia: Tipografia e Editora Bandeirantes, 1976.

CANCLINI, Nestor G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CERTEAU, M. *A Invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COELHO, Joaquim. Depoimento, 2000.

COSTA, C. B. da. Memórias compartilhadas. In: COSTA, C. B da; MAGALHÃES, N. A. (orgs). *Contar História, fazer História: história, cultura e memória*. Brasília: Paralelo 15, 2001.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Trad. L. F. Raposo Fontenelle. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

KATRIB, C. M. I. Batuques entrecruzados: A (re) inauguração da vida através da Festa em louvor a Nossa Senhora do rosário de Catalão-GO. *OP SIS – Revista do Niesc*: Núcleo interdisciplinar de Pesquisa e Estudos Culturais. Dossiê cultura popular. Universidade Federal de Goiás. Vol 4, 2004.

_____. *Nos mistérios do Rosário*: as múltiplas vivências da festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário – Catalão (GO) (1936-2003). Dissertação (Mestrado em História), INHIS, UFU, Uberlândia, 2004.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, R; RAMOS, A. F. (orgs). *História e Cultura*: espaços plurais. Uberlândia: Aspectus, 2002.

_____. Pela fé: a representação de tantas histórias. *Revista Estudos de História*, v.7, n. 1, Franca, 2000.

MAGALHÃES, Nancy A. Narradores: Vozes e poderes de diferentes pensadores. In: COSTA, Cléria Botelho da; MAGALHÃES, Nancy Aléssio (orgs). *Contar História, Fazer História*: História, cultura e memória. Brasília: Paralelo 15, 2001.

MARQUES, Marieta M. Depoimento, 2003.

PESAVENTO, S. J. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PASSOS, M. O catolicismo popular – O sagrado, a tradição, a festa. In: *A Festa na vida*: significados e Imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, Maria Madalena da. Depoimento, 2002.

SILVA, Rubens Alves da. *Congada – Dores do Indaiá-MG*. (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 1999.

WEBER, Franz. Celebrar a vida. In: PASSOS, M. (org). *A Festa na vida*: Imagens e significados. Petrópolis: Vozes, 2002.